

Artigo Original

Fazer Kendo e pensar a educação do corpo

Rogério Rodrigues

Departamento de Física e Química, Instituto de Ciências Exatas da Universidade Federal de Itajubá, MG, Brasil

Praticante de Kendo da Associação Cultural e Esportiva Piratininga (ACEP), São Paulo, SP, Brasil

Resumo: Neste estudo propomos analisar as relações entre o “fazer Kendo” e a educação do corpo investigando como ponto central a questão de como é possível ensinar a alguém o movimento corporal humano. As características da amostra para análise desse estudo se apresentam como resultado de uma pesquisa teórica e participativa. O método de estudo tem como referencial teórico os estudos de Marcel [Mauss](#) e Pierre [Bourdieu](#). Os resultados da análise apontam para a compreensão da educação do corpo como uma “transmissão silenciosa” que passa principalmente por uma “imitação prestigiosa” estabelecida por uma “autoridade social” (Sensei). A implicação dessa perspectiva de compreender a transmissão do movimento corporal humano no ensino do Kendo apresenta diversas particularidades impossíveis de expressar somente em palavras, e que compõem as dificuldades na constituição de uma metodologia para a educação do corpo.

Palavras-chave: Kendo. Educação do Corpo. Educação Física. Artes Marciais.

Training Kendo and thinking in body education

Abstract: In this studying we propose to analyze the relations between the “training Kendo” and the body education being the central point to be investigated the question about how it’s possible teach someone the corporal human movement. The characteristics of our sample for this study analysis propose result that we can named field of participative and theoretical research. Our method of study has by theory referential the studies of Marcel [Mauss](#) and Pierre [Bourdieu](#). The analysis results point to the understanding of body education like one class of “silent transmission” that pass mainly for a “prestigious imitation” that is fixed by a “social authority” (Sensei). The perspective on understand the transmission of corporal human movement in teaching Kendo presents various impossible particularities to express only by words, and, so, they produce the difficulties in the constitution of one methodology to the body education.

Key Words: Emotion, Kendo. Body Education. Physical Education. Martial Arts.

Na verdade, assim como o sentido social de uma obra de filosofia pode se inverter dessa maneira (e a maior parte das obras, Descartes, Kant, ou mesmo Marx, estão sempre mudando de sentido, cada geração de comentadores vem destruir a leitura da geração precedente), do mesmo modo, uma prática esportiva que, em sua definição técnica, “intrínseca”, sempre apresenta uma grande elasticidade, logo, oferece uma grande disponibilidade para usos totalmente diferentes, até opostos, também pode mudar de sentido. Mais exatamente, o sentido dominante, isto é, o sentido social que lhes é atribuído por seus usuários sociais dominantes (numérica ou socialmente) pode mudar (...). ([BOURDIEU](#), 1990, p.215)

Introdução

Antes de tudo consideramos oportuno anunciar a nossa interpretação e apresentação das relações entre o “fazer Kendo” e pensar a educação do corpo como algo que se encontra circunscrito pelo próprio exercício da prática do “fazer Kendo”, ou seja, o reconhecimento da

“autoridade social”. É, pois, importante salientar que a proposta desse estudo pressupõe antes de tudo a solicitação da “autorização” por parte do Constantino Messinis Sensei — Presidente da Federação Paulista de Kendo e Ciutoco Kogima Sensei Presidente da Confederação Brasileira de Kendo. Assim sendo, o “fazer Kendo”, tanto na prática como em pensamento, encontra-se inserido numa rede de significados simbólicos em que se exercita a “autoridade social” no campo de uma determinada prática corporal humana.

O Kendo constitui-se numa prática corporal no sentido de aplicar específicos golpes com o Shinai, o qual representa o uso da espada (*Ken*). Para tanto, o praticante do Kendo (*Kenshi*) se disponibiliza para a realização de treinos sistemáticos que se apresenta como um caminho (*Do*) para o aperfeiçoamento da técnica. O aperfeiçoamento da “técnica do Kendo” relaciona-

se com o modo de ser do sujeito, mais propriamente, o fazer Kendo apresenta uma determinada educação do corpo e, principalmente, uma educação do sujeito.

Compreendemos que no contexto dessa educação do corpo, o fazer Kendo é uma prática que permite a plena realização do “homem máquina” (Cf. [DESCARTES](#), 1980) no funcionamento de determinadas coisas com o corpo. Partimos do pressuposto de que “fazer Kendo” exerce uma força maior sobre o sujeito que passa a ser cada vez mais o “praticante” quando cada vez menos deixa de ser ele mesmo. No processo do fazer Kendo a pesquisa teórica de cunho filosófica torna-se um elemento importante, pois permite ao sujeito elaborar sua própria condição e alterar sua prática. Essa reflexão constitui-se numa intervenção teórica na prática que se realiza no fazer Kendo.

Portanto, o objetivo é analisar o fazer Kendo a partir das referências teóricas das ciências humanas, mais propriamente nos apontamentos sobre a questão do corpo, presentes nos artigos intitulados: *As técnicas do corpo* (Cf. [MAUSS](#), 1974) e *Programa para uma sociologia do esporte*. (Cf. [BOURDIEU](#), 1990)

Os resultados indicam que no “vir a ser” (Cf. [SARTRE](#), 1997) o praticante do “fazer Kendo” (*Kenshi*) é o paradoxo da construção e da desconstrução do sujeito, pois em cada treino é preciso caminhar (*Do*) para aprimorar o uso da espada (*Ken*). O movimento dessa construção/desconstrução é o assunto tratado nesta análise sobre a prática corporal humana ao “fazer Kendo”, ou seja, tratamos diretamente do estudo da educação física, em que o fazer coisas com o corpo propõe-se como um “concreto real” constituindo as “sínteses de múltiplas determinações” (Cf. [MARX](#), 1983, p. 218)¹ na existência do sujeito circunscrito pelo território de luta (*Dôjô*).

Metodologia

Por ser pesquisa teórica e de cunho filosófico, mais propriamente, uma pesquisa conceitual sobre a questão do fazer Kendo e a educação do corpo, a metodologia de pesquisa centra-se na hermenêutica no processo de interpretação dos textos, basicamente, nos artigos intitulados: *As*

técnicas do corpo (Cf. [MAUSS](#), 1974) e *Programa para uma sociologia do esporte*. (Cf. [BOURDIEU](#), 1990)

De modo geral afirma-se que os praticantes de Kendo treinam a busca do aperfeiçoamento no uso da espada (*Ken*) para aplicar o golpe. Esse aperfeiçoamento envolve o sujeito em outras dimensões de sua existência dentro e fora da área de luta. Portanto, no fazer Kendo temos um duplo movimento, qual seja, a educação do corpo e a educação do sujeito.

Compreender essa educação como o “concreto real” em que o sujeito se realiza como a síntese de múltiplas determinações (Cf. [MARX](#), 1983) é ponto central da problemática da investigação ao analisar na dimensão dessa prática do fazer Kendo a possibilidade de transmitir o saber para a execução dos movimentos corporais em que se deve realizar a unidade entre corpo, espada e espírito (*Ki*; *Ken* e *Tai*).

O “vir a ser” (Cf. [SARTRE](#), 1997) no “fazer Kendo” é uma prática que muito nos auxilia a pensar a “educação do corpo”, visto que o próprio sentido do Kendo — caminho da espada — aponta três coisas, como se expõe a seguir. Em primeiro lugar o seu ensino encontra-se inserido numa filiação, na qual as técnicas do corpo são representadas pelo Sensei. Em segundo lugar, aprendemos numa relação direta com *outro* no processo de “imitação prestigiosa” (Cf. [MAUSS](#), 1974). Em terceiro, o fazer Kendo se defronta com a *verdade* presente no corpo do sujeito que apresenta o apropriado uso da espada em seu manuseio, pois o corpo não mente. A “filiação”, “imitação” e “verdade” se apresentam como elementos que ampliam as formas produtoras de movimento corporal humano.

O “fazer Kendo” inserido nesses campos da autoridade e da verdade como as “sínteses de múltiplas determinações — o concreto pensado” (Cf. [MARX](#), 1983, p. 218) é algo de difícil apreensão teórica.

Essa apreensão teórica divide-se em dois tipos de olhares distintos, quais sejam, o “olhar de fora” e o “olhar de dentro”. O caso extremo do “olhar de fora” é aquele que não compreende como um sujeito se mantém tão ocupado e obstinado na prática de movimentos corporais no exercício com o *Shinai* e como o resultado prevalece sobre a técnica. Já para o “olhar de

¹ Karl [Marx](#) compreende que “o concreto é concreto por ser a síntese de múltiplas determinações, logo, unidade da diversidade”. ([MARX](#), 1983, p. 218)

dentro” o extremo seria a compreensão de que a prática de movimentos corporais no exercício com o *Shinai* é imprescindível para a plena realização do sujeito e o resultado seria apenas uma consequência da técnica. Na distinção desses dois olhares:

Em matéria de esporte, estamos freqüentemente, na melhor das hipóteses, no estágio da dança do século XIX, com os profissionais que se apresentavam para amadores que ainda praticam ou praticavam; mas a difusão favorecida pela televisão introduz cada vez mais espectadores desprovidos de qualquer competência prática e atentos a aspectos extrínsecos da prática, como o resultado, a vitória. (BOURDIEU, 1990, p.218)

No caso específico dessa metodologia para a análise sobre os mecanismos de transmissão no ensino do “fazer Kendo” consideramos que a “síntese das múltiplas determinações” (Cf. MARX, 1983, p. 218) pressupondo a mistura do “olhar de fora” e do “olhar de dentro”. O “olhar de fora” será orientado pelos autores Pierre Bourdieu (1990) e Marcel Mauss (1974), tendo como referências, respectivamente, os seguintes textos: *Programa para uma sociologia do esporte e As técnicas corporais*.

O “olhar de dentro” será orientado pela própria prática do Kendo, em que o sujeito desta pesquisa teórica se encontra como praticante desde fevereiro de 2005. Ambos os “olhares” constituem uma construção, pois a cada treino um novo elemento se apresenta para alterar o pensamento e, principalmente, a prática no fazer Kendo. Portanto, de ambos os lados, consideram-se tais olhares como uma primeira aproximação sobre as questões pertinentes à transmissão do “fazer Kendo” e “pensar a educação do corpo”.

Resultados

Tendo por base a experiência que se encontra na prática do fazer Kendo compreende-se que este se estabelece no paradoxo da construção e da desconstrução do sujeito, pois em cada treino é preciso caminhar (*Do*) para aprimorar o uso da espada (*Ken*). Cada treino apresenta-se sempre como uma novidade ao sujeito, pois de algum modo propõe uma experiência corporal inédita para aquele que a realiza.

No campo da educação do corpo, da prática no “fazer Kendo” derivam diversos questionamentos, entre as quais colocamos em destaque, em função do tema proposto, *fazer Kendo e pensar a educação do corpo*, a seguinte

questão: como é **possível ensinar a alguém o movimento corporal humano no “fazer Kendo”?**

Pelo “olhar de dentro” no transcorrer dos treinos de Kendo escuto as palavras de Watanabe Sensei: “Kendo é simples” (informação verbal).² Watanabe Sensei (2008) afirma ainda que “o Kendo não é somente movimento; não é ginástica e não é esporte” (informação verbal).³ Existe algo a mais no “fazer Kendo” que o distingue da ginástica e do esporte e é esse algo a mais que compõe toda a complexidade do Kendo. O “olhar de fora” apreende no aspecto fenomênico do Kendo algo que não é nada revelador sobre essa dimensão de sua complexidade, pois observa apenas a repetição dos movimentos corporais humano. É preciso aprofundar o “olhar de dentro” no “fazer Kendo” para elaborar esses determinantes que não são apreensíveis de modo direto, principalmente, por quem não é praticante. Assim sendo, resulta dessa análise a definição do seguinte princípio: a compreensão do movimento corporal humano requer o rompimento dos limites daquilo que Bourdieu (1990) afirma ser **a separação entre o fazer e o pensar no campo esportivo**.

Analisemos a princípio o aspecto fenomênico (concreto) no “fazer Kendo” (olhar de fora). Quem observa o Kendo constata que seus movimentos resultam em quatro possibilidades de golpes: *Men-uti*; *Kote-uti*; *Dô-uti* e *Tsuki*. No conjunto desses quatro movimentos encontra-se toda a relação com o oponente na qual se busca a perfeição na realização do golpe. Justamente na relação com o oponente estrutura-se toda a simplicidade e, simultaneamente toda a complexidade do fazer Kendo.

As relações entre os sujeitos no Kendo seguem uma rigorosa etiqueta (*Reigui*). Nestas relações com a educação do corpo assume-se a tese de Bourdieu (1990) que afirma:

(...) práticas mais distintas são também aquelas que asseguram a relação mais distanciada com o adversário, são também as mais estetizadas, na medida em que, nelas, a violência está mais eufemizada, e a forma e as formalidades prevalecem sobre a força e a função. (BOURDIEU, 1990, p.209)

² Anotações Pessoais das palavras de Watanabe Sensei durante os Treinos de Kendo no Clube Piratininga em 2008.

³ Anotações Pessoais das palavras de Watanabe Sensei durante os Treinos de Kendo no Clube Piratininga em 2008.

Para se começar “fazer Kendo” é necessário apresentar-se adequadamente no uso da vestimenta composta por *Dôgui*, *Hakama* e *Bôgu*. Em seguida deve-se cumprimentar a parte principal do Dojô (*Shômem ni mukcate, rei*); meditar (*Mokusô*); cumprimentar os Senseis (*Senseigata ni, rei*) e por último cumprimentar o seu oponente. No conjunto dessas práticas no fazer Kendo é que se encontra todo o paradoxo, pois o simples no Kendo é ainda o lugar que permite toda a mistura entre o fácil e o difícil, o simples e o complexo; a força e a suavidade; o amor e o ódio; descanso e cansaço; enfim a síntese de múltiplas determinações (Cf. [MARX](#), 1983), as quais compõem a educação do corpo no “fazer Kendo” e resultam na construção de determinadas *técnicas do corpo*. (Cf. [MAUSS](#), 1974)

Todo praticante de Kendo sabe que é preciso exercitar a utilização do *Shinai* como principal caminho para aperfeiçoar os seus próprios golpes. Isso define a condição de que o caminho no fazer Kendo encontra-se na própria responsabilidade do sujeito, pois a verdade no corpo transparece em cada treino em seu “fazer Kendo”.

A esse aperfeiçoamento das *técnicas do corpo* corresponde “as maneiras como os homens, sociedade por sociedade e de maneira tradicional, sabem servir-se de seus corpos”. ([MAUSS](#), 1974, p. 211) Em se tratando de *técnica do corpo* (Cf. [MAUSS](#), 1974), partimos da premissa de que para compreender o ensino do Kendo é preciso analisá-lo em sua transmissão inserida na rede simbólica que se encontra numa estrutura hierárquica a qual prevalece como condição para a aprendizagem do movimento corporal humano. Percebe-se que tal condição simbólica das *técnicas do corpo* insere o sujeito numa determinada filiação de prática corporal. Para além do gesto motor tem-se que compreender sua execução como elemento da cultura corporal. Educar o corpo insere o sujeito numa determinada tradição. Para [Mauss](#) (1974) “Não há técnica e tampouco transmissão se não há tradição. Nisso o homem se distingue dos animais pela transmissão de suas técnicas e muito provavelmente por sua transmissão oral”. ([MAUSS](#), 1974, p. 217)

A educação do corpo é um tipo de transmissão que passa pelas coisas do corpo e nessa modalidade de educação há muitas

particularidades que não se expressam somente em palavras. (Cf. [BOURDIEU](#), 1990, p.218)

Percebe-se como resultado dessa análise sobre a transmissão de técnicas do corpo no ensino do Kendo que este se encontra em dificuldade para realizar no *outro* a educação do corpo, mais propriamente, é (im)possível transmitir o saber para a execução dos movimentos corporais na unidade entre *corpo*; *espada e espírito* (*Ki*; *Ken* e *Tai*).

A saída para essa dificuldade em realizar a educação do corpo no fazer Kendo é simples, ou seja, “é preciso treinar”. Mas o que significa treinar o corpo ao “fazer Kendo”?

Entende-se o *treinar* como a repetição sistemática de movimentos corporais, principalmente compartilhar a confiança de que é preciso se submeter a determinados exercícios corporais e que estes realizarão efeitos no modo de usar o corpo. Este processo identifica-se com um campo da educação física em sentido ampliado.

Para a área específica da Educação Física estes exercícios corporais teriam, quatro elementos: a técnica; a condição física; a tática e o psicológico. São estes os pontos que circunscrevem a educação do corpo ao campo da ginástica e do esporte. Distingue-se o fazer Kendo de outras práticas corporais ao retomarmos as palavras de Watanabe Sensei (2008) que afirma que “o Kendo não é somente movimento; não é ginástica e não é esporte” (informação verbal).⁴ Sendo assim, há necessidade de outra interpretação sobre os fundamentos da teoria da educação do corpo que possam situar o “fazer Kendo” no campo da realização das técnicas do corpo.

É possível analisar o uso do corpo no fazer kendo como algo que possui similaridade com elementos que estejam diretamente relacionados com as qualidades do movimento corporal humano tendo por base o esporte ou a ginástica. Como se diferenciariam esses fundamentos do “fazer Kendo” da ginástica e do esporte?

As distinções entre o Kendo; a ginástica e o esporte são elementos circunstanciais que interferem tanto no “fazer Kendo” quanto em outras formas de práticas corporais. No entanto,

⁴ Anotações Pessoais das palavras de Watanabe Sensei durante os Treinos de Kendo no Clube Piratininga em 2008.

para o “olhar de fora” (concreto) o “fazer Kendo” encontra-se no registro de compreender o fortalecimento da condição física como a ampliação da quantidade do movimento; o aprimoramento da técnica com a manutenção da qualidade do movimento; a tática nas escolhas para a realização do movimento e o psicológico no enfrentamento das situações diversas que determinam a experiência do movimento na uso do Shinai na aplicação dos golpes.

Durante os treinos no fazer Kendo há alguns elementos fundamentais do treinamento esportivo. Observa-se a tendência teórica a indicar que com a periodicidade na aplicação correta do volume e da intensidade se obtém uma melhora na qualidade (técnica), na quantidade (condição física), nas escolhas (tática) e no psicológico. Ocorre aí a presença de elementos da teoria de educação do corpo pertinentes aos fundamentos do ensino da Educação Física que tratam da divisão e do sequenciamento do movimento corporal para alcançar a aprendizagem motora. Assim, orienta-se o “fazer Kendo” pela esportividade já que no caso da condição técnica, da condição física, da tática e da psicológica, o praticante possui os mesmos referenciais do esporte e da ginástica quanto ao movimento corporal humano, quais sejam: a manutenção, a perda e o ganho. Torna-se preciso indicar em que essa esportivização interfere no “fazer Kendo” e na “educação do corpo”.

O ponto de ruptura entre o “fazer Kendo” e a ginástica e o esporte situa-se no modo como estes são representados pelo sujeito (concreto pensado). De um lado, no caso da ginástica e esporte, ocorre uma *verdade* pautada na ciência que define o uso apropriado das “técnicas do corpo” (Cf. MAUSS, 1974) e de outro lado a palavra do Sensei que aponta a *verdade* no “fazer Kendo”.

Em termos fisiológicos algo unifica a todos os praticantes de Kendo: ginástica e esporte. A diferença se constitui na concepção e na construção simbólica do significado do movimento corporal humano (concreto real). O “fazer Kendo” torna-se distinto da ginástica e do esporte quando se torna possível a construção do seu significado e para que isso ocorra é preciso que a “educação do corpo” tenha a constante “correção” do Sensei para que seus possíveis desvios sejam retificados e isso por si só seria da maior relevância para a instituição do “fazer

Kendo” diferente do “esporte e ginástica”. Aprimorar a técnica e a ampliar as exigências resultariam na melhoria da condição física; tática e psicológica que se encontra numa ciência neutra.

Por diversos motivos cada corpo tende a responder e a organizar o movimento corporal de uma determinada maneira. A correção e a “exigência de si” seria o ajuste que permite o direcionamento no caminho da educação corporal. Para todas essas manifestações de movimento corporal humano não existiriam limites. A melhora desses elementos do treinamento e a educação do corpo na plenitude é um ponto inalcançável, pois aquele que treina sempre avança para a excelência na sua execução e, na essência, para a correção do movimento. De modo mais prático, o “fazer Kendo”, o esporte e a ginástica caminham juntos quando a busca do resultado quantitativo passa a ser ordenado pela ciência. Na ordem da qualidade que no caso do “fazer Kendo” é apreciado pelo olhar do Sensei — distingue-se pouco a pouco um *saber* instituído pela força da tradição.

A ciência nada tem a dizer sobre o “fazer Kendo” em que, em cada exercício com o Shinai, ouço e incorporo em meus pensamentos as palavras de Watanabe Sensei (2008): “Grande, bonito e depois rápido”. (informação verbal).⁵ Vejamos mais de perto esses detalhes sobre o “fazer Kendo” e a educação do corpo.

De um modo geral o exercício físico no treinamento do sujeito consome energia e produz movimento corporal. O treinamento possui um duplo sentido, qual seja, por um lado, aquele que é consumido durante o treino e por outro lado, aquele que produz algo com o seu corpo. No aspecto do “olhar de fora”, no treino o sujeito é aquele que é consumido durante o exercício e desenvolvemos, então, uma teoria sobre as condições intrínsecas do corpo que na ciência do treinamento esportivo constituem os aspectos da fisiologia do esforço. Por esse viés, o treinamento deve estar centrado por uma “ciência do corpo” que define o volume; a intensidade; a frequência de treinos; enfim todo um conjunto de aspectos para estabelecer as condições necessárias para

⁵ Anotações Pessoais das palavras de Watanabe Sensei durante os Treinos de Kendo no Clube Piratininga em 2008.

a melhoria do desempenho do praticante. Pela perspectiva do olhar do esporte e da ginástica o treino resulta na produção do movimento corporal como a *verdade* da “fisiologia” na realização das “técnicas do corpo”. (Cf. MAUSS, 1974) Há, aí uma positividade que aceita o uso do corpo como sendo a “verdade metabólica” em ser o praticante de coisas com o corpo. O que então prevalece é o fazer científico nas práticas corporais e estas têm que em si revelar o desempenho do praticante.

Para o “olhar de dentro” o “fazer Kendo” em seu ensino faz prevalecer uma forma de educação do corpo cuja “transmissão é silenciosa” e que passa por uma “imitação prestigiosa” (Cf. MAUSS, 1974) estabelecida por uma “autoridade social” (Sensei). Falar sobre o ensino de Kendo como uma “transmissão silenciosa” é um verdadeiro paradoxo, pois uma das exigências em sua prática é o grito (*Kakegoe*) realizado no momento de aplicação do movimento da espada (*Shinai*). Com essa exigência o movimento corporal está diretamente relacionado com a respiração e a distância que se estabelece com o adversário. No “fazer Kendo” aprende-se antes de tudo a respirar e a manter a distância em relação ao *outro*.

A implicação dessa perspectiva de compreender a educação do corpo é que nessa modalidade de transmissão do movimento corporal humano no ensino do “fazer Kendo” surgem diversas particularidades impossíveis de expressar somente em palavras e revelam as dificuldades na constituição de um modelo de “metodologia de ensino”. Ao analisar a educação do corpo como resultado de produção de movimento corporal é possível considerá-la como a aprendizagem e o ensino de “técnicas do corpo”. Nesta abordagem, o ensino do “fazer Kendo” também se apresenta como a “transmissão intencional”, na qual se indicam no uso do corpo as condições específicas de treinamento. Compreendemos (praticamos) o “fazer Kendo” na junção entre a *transmissão pela autoridade social* e a *transmissão intencional* que se apresenta como os “fundamentos da educação do corpo” e que resultam num treinamento específico, qual seja, a *resiliência* — a capacidade de superar o próprio cansaço no sentido de preservar a unidade entre corpo,

espada e espírito (*Ki*, *Ken* e *Tai*).⁶ Para tanto, o treinamento deve promover o cansaço, como nas palavras de Watanabe Sensei (2008) “Kendo precisa cansar”. (informação verbal).⁷

Nas considerações de Mauss (1974) compreendemos o “fazer Kendo” como uma prática corporal, em que “(...) a educação fundamental de todas essas técnicas consiste em adaptar o corpo a seu emprego”. (MAUSS, 1974, p. 232) A prática em questão estaria definida como uma “educação do sangue-frio”. (MAUSS, 1974, p. 232) Corresponde, pois, a uma educação que

(...) antes de tudo, um mecanismo de retardamento, de inibição de movimentos desordenados; esse retardamento permite uma resposta posteriormente coordenada de movimentos coordenados, partindo então na direção do fim escolhido. Esta resistência à emoção avassaladora é algo de fundamental na vida social e mental. Ela separa entre si — e chega a classificar — as sociedades ditas primitivas: conforme as reações sejam mais ou menos brutais, irrefletidas, inconscientes, ou, ao contrário, isoladas, precisas, comandadas por uma consciência clara. (MAUSS, 1974, p. 232)

Contudo, por qual motivo exercitamos essa modalidade de educação de corpo e, principalmente, acreditamos no “fazer Kendo”? Na junção entre a *transmissão pela autoridade social* e a *transmissão*, a resposta encontra-se na própria prática do Kendo do Sensei, que lembra, a todo o momento em seu exercício de educação de corpo, que é possível suportar um cansaço específico e que isso não corresponde à perda total de energia e sim a cada golpe dar tudo o que tem e estar preparado para o próximo ataque (*Zanshin*). Portanto, “fazer Kendo” não é somente exercício para o corpo, mas está diretamente relacionado com o fortalecimento do “espírito” (*Ki*). O falar sobre este fortalecimento do *Ki* (espírito) é dificultoso, pois está diretamente relacionado com um sentimento particular daquele que se encontra na prática corporal. A disciplina corporal sem dúvida determina a subjetividade. Não é por outros motivos que

(...) a maioria das organizações, seja a Igreja, o Exército, os partidos, as indústrias, etc., dão tanto espaço às disciplinas corporais, é porque, em grande parte, a obediência é a crença, e porque a crença é o que o corpo admite mesmo quando o espírito diz não (poderíamos, nessa

⁶ Cf. http://www.eca.usp.br/nucleos/njr/voxsocietiae/george_barbosa_38.htm, acessado em 23 de outubro de 2008.

⁷ Anotações Pessoais das palavras de Watanabe Sensei durante os Treinos de Kendo no Clube Piratininga em 2008.

lógica, refletir, sobre a noção de disciplina). Talvez seja refletindo sobre o que o esporte tem de mais específico, isto é, a manipulação regrada do corpo, sobre o fato de o esporte, como todas as disciplinas em todas as instituições totais ou totalitárias, os conventos, as prisões, os asilos, os partidos, etc., ser uma maneira de obter do corpo uma adesão que o espírito poderia recusar, que se conseguiria compreender melhor o uso que a maior parte dos regimes autoritários faz do esporte. A disciplina corporal é o instrumento por excelência de toda espécie de “domesticação” (...). (BOURDIEU, 1990, p.220)

Essa disciplina corporal no “fazer Kendo” é uma prática que se apresenta no ostensivo controle de si mesmo que se apresenta na expressão dos movimentos musculares coordenados do sujeito.

Isso, contudo, não é algo peculiar unicamente do fazer Kendo. Na radicalidade o que seria o educar-se no “fazer Kendo” na distinção do esporte e da ginástica? A chave dessa compreensão encontra-se numa análise que insira o fazer Kendo naquilo que Mauss chama de “fato social total”. (Cf. MAUSS, 1974)⁸ Para tanto, faço um breve relato do sistema de educação de corpo em que fui iniciado no Kendo, de modo a focalizar o percurso em que se deu a passagem para o “fazer Kendo” na educação do corpo.

No primeiro dia em que cheguei ao local de treinamento (*Dôjô*) para fazer Kendo, era um domingo pela manhã por volta das 7h15 e esperei para falar com Tamaki Sensei, o responsável pelo treino dos iniciantes. Desejava obter informação sobre como fazer Kendo. Ele me disse “assiste o treino”. Isso repetiu-se por três semanas consecutivas até que um domingo ele autorizou a minha entrada no “fazer Kendo”. No princípio treinamos como segurar a espada (*Shinai*) na posição de início dos golpes (*Kamae*) e, principalmente, os movimentos coordenados de pé, pernas, mãos e braços no manuseio do *Shinai* (*Suburi*). Já tínhamos aprendido a vestir a roupa (*Hakama* e *Dôgi*). A maior dificuldade foi estabelecer a coordenação entre mãos, pés e uso da espada (*Shinai*)

Permaneci com Tamaki Sensei por seis meses até que um certo dia ele nos avisou que seríamos apresentados para o Tsukamoto Sensei. Tínhamos o conjunto do equipamento (*Bôgu*) que consiste na proteção de mão (*Kote*); proteção da cabeça (*Mem*); proteção para tórax (*Dô*) e proteção de quadril (*Tare*).

Uma passagem fundamental para o ingresso no Kendo é vestir o conjunto do equipamento do Kendo, pois isso exige uma coordenação própria; etiqueta e, principalmente, uma completa alteração do olhar pelo uso do Mem.

Com Tsukamoto Sensei fomos educados a exercitar com o uso do *Bôgu* e realizar o manejo do *Shinai* nos exercícios de sequências (*Suburi*). O treino consistiu numa tentativa de manter o corpo em deslocamento sempre em retidão e linear para o ataque com o uso preciso da *Shinai* para desferir o golpe. Permanecemos com Tsukamoto Sensei por um período de aproximadamente três meses e do mesmo modo fomos apresentados a Watanabe Sensei.

A aprendizagem por essa nova fase com Watanabe Sensei com quem permaneço em treinos até hoje é o fato de constantes descobertas e, principalmente, desafios já que no treinamento com espada (*Shinai*) há sempre algo a mais a exercitar e, para tanto, a força deve ser aplicada com a finalidade única de cortar. O caminho a percorrer para a melhoria do desempenho na prática do Kendo está explícita na frase “devemos caminhar juntos e crescer também juntos no Kendo”. (informação verbal).⁹

A cada treino de “fazer Kendo” deve-se aprimorar “o espírito de luta” que se revela em todo o aspecto emocional daquele que executa o golpe, ou seja, é preciso manter-se presente naquilo que se executa e, portanto, interpretar o “*Ki*” na expressão do *Kenjutsu* em seu ato de usar a espada e a retidão do corpo.

O “fazer Kendo” é, pois, uma prática cordial na etiqueta do uso da espada e estritamente impulsivo na busca de finalizar o golpe certo (*Ippon*). Esta exigência da execução da técnica para a finalidade única aproxima-o de uma educação dos sentidos para uma agressividade direcionada à disciplina no fortalecimento de si mesmo. Isso em grande parte apresenta-se como um elemento revelador que distingue o Kendo do

⁸ Em estudo intitulado “Ensaio sobre a dádiva”, Mauss utiliza a noção de “fato social total”, que expressa, ao mesmo tempo e de uma só vez, as várias dimensões de um fenômeno social. (Cf. MAUSS, 1974, p. 41). Observa, nesse estudo sobre a dádiva, que as trocas de mercadorias entre os homens seria o ponto de partida para a compreensão de todas as relações sociais presentes em uma sociedade.

⁹ Anotações Pessoais das palavras de Watanabe Sensei durante os Treinos de Kendo no Clube Piratininga em 2008.

esporte e da ginástica e que em grande parte permite a pensar a educação do corpo no fazer Kendo.

Discussão

Em conclusão, pensar o “fazer Kendo” e a “educação do corpo” deve obrigatoriamente passar por uma análise de que toda a educação do corpo é primordialmente uma educação do uso técnico do corpo e que possui diversas particularidades. Muitas vezes não sabemos explicar como aprendemos a fazer determinadas coisas com o corpo. Quando vou praticar o “fazer Kendo” com frequência penso na afirmação de [Bourdieu](#) “se é preciso passar pelas palavras para ensinar determinadas coisas ao corpo” ([BOURDIEU](#), 1990, p.219). Este pensamento sobre a impossibilidade de realizar determinados discursos sobre a “educação do corpo” se apresenta em algumas situações na aprendizagem das técnicas do corpo e, no caso específico do Kendo, em muitas delas não se pode dizer nada a respeito, mas apenas fazer coisas com o corpo.

Portanto, a educação do corpo está circunscrita a um espaço alheio à pedagogia, na qual o aprender não passa muitas vezes de teorias sobre o educar e o fazer orientado por um sentimento estritamente corporal. Assim sendo, na prática do “fazer Kendo” pude observar e compreender na radicalidade que existem ensinamentos que apenas passam pelo uso do corpo. Compartilhamos da tese de que “há uma infinidade de coisas que compreendemos somente com nosso corpo, aquém da consciência, sem ter palavras para exprimi-lo”. ([BOURDIEU](#), 1990, p.219)

Aprender o “fazer Kendo” permite elencar três pontos para se pensar a “educação do corpo”, quais sejam, que o movimento do corpo é um processo de educação permanente, que para tanto deve ser executado e treinado com constância e que seu ponto de alcance final é inesgotável. Na educação e especificamente na educação do corpo sempre se aprende algo mais. Este seria um primeiro pressuposto para pensar a educação do corpo distinto de uma “técnica esportivizada”, ou seja, a busca pelo resultado fecha as diversas possibilidades de utilizar o corpo. Nas circunstâncias em que o uso *técnico do corpo* se realiza é que temos a

impossibilidade de alcançar a finitude em ser o sujeito na *verdade* do corpo e no uso da espada.

O segundo pressuposto é de que a educação do corpo somente se compreende na totalidade quando se insere essa análise nos componentes específicos do seu uso técnico. O terceiro, aceita que a aprendizagem do corpo é um processo contínuo, sempre levando em conta, na análise de práticas corporais, que há conjuntos de determinantes tão amplos que de certo modo tornam impossível o pensar a educação do corpo na constituição de uma “metodologia do ensino”. O resultado é que aprendemos o “fazer Kendo” sem muito compreender como o aprendemos. Não seria isso que ocorre em outros modos de transmissão do movimento corporal humano?

Nesta perspectiva de “não saber o fazer Kendo” estabelece-se uma contraposição direta com alguns pressupostos da educação do corpo presentes na área da Educação Física, em especial com a metodologia de ensino. Portanto, o fazer Kendo e a educação do corpo devem ser analisados como específicas produções de subjetividade que se constroem numa direta relação com o fazer coisas com o corpo. A Educação Física estaria entre dois caminhos possíveis, quais sejam, em ocupar o mesmo caminho do fazer Kendo ou se inserir no discurso da ciência que indica o saber na educação do corpo. Ambas as formas apresentam-se como proposições educativas produtoras de subjetividades, mas a pergunta a ser respondida seria o de compreender: quais subjetividades estão sendo produzidas que possam favorecer ao sujeito a compreensão de si mesmo.

No treino do Kendo poucas palavras são proferidas e o que se tem é o conjunto do saber posicionar o corpo e o manejo do *Shinai* e ficar atento ao comando dos exercícios. O Kendo encontra-se no conjunto de práticas “(...) nas quais a compreensão é corporal. Em geral só se pode dizer: ‘Olhe, faça como eu’”. ([BOURDIEU](#), 1990, p.219)

As poucas palavras proferidas no ensinamento das técnicas corporais do “fazer Kendo” são um indicativo da determinante importância na experiência vivida por aquele que executa a técnica na unidade entre corpo, espada e espírito (*Ki*, *Ken* e *Tai*). Portanto, o “fazer Kendo” é uma modalidade de transmissão de educação do corpo em que a “passagem do

saber” se realiza na prática. Trata-se da presença da chamada *imitação prestigiosa*, na qual, [Mauss](#) (1974) considera o fato de que

A criança, como o adulto, imita atos que obtiveram êxito e que ela viu serem bem sucedidos em pessoas em quem confia e que têm autoridade sobre ela. O ato impõe-se de fora, do alto, ainda que seja um ato exclusivamente biológico e concernente ao corpo. O indivíduo toma emprestada a série de movimentos de que ele se compõe do ato executado à sua frente ou com ele pelos outros. ([MAUSS](#), 1974, p. 215)

Aquele que representa o movimento corporal humano em si mesmo deve tê-lo incorporado como pertencente ao seu ser sujeito — segunda natureza. Consideramos este o elemento primordial para estabelecer as marcas da educação. Na educação do corpo, mais apropriada é a incorporação dos hábitos no modo de ser do sujeito no uso das técnicas do corpo.

Isso nos leva a concluir que a transmissão no “fazer Kendo” é o ponto central que permite o funcionamento do mecanismo da educação do corpo, é essa força da “autoridade/imitação” que institui a possibilidade da transmissão do *saber* em fazer coisas com o corpo. Mas esta somente se institui naquele que possui em si mesmo a experiência corpórea que o habilita falar e, principalmente, a “autoridade” em fazer coisas com o corpo no uso da *Shinai*. A modalidade de educação que os educadores chamam de “formação continuada” os praticantes de Kendo (*Kenshi*) já conheciam há muito tempo. O “fazer Kendo” é uma construção que atravessa um longo tempo para se constituir na permanente educação do corpo. Nesta permanente construção do “fazer Kendo”, surge uma história, mais propriamente, uma história da educação corporal. Este fato deveria despertar o interesse em registrar as maneiras de “fazer kendo” e, de certo modo, o de todos os praticantes das diversas modalidades de educação no uso técnico do corpo.

Referências

BOURDIEU, Pierre. Programa para uma sociologia do esporte. In: _____. **Coisas ditas**. Trad. Cássia R. da Silveira e Denise Moreno Pegorim. São Paulo: Brasiliense, 1990. p. 207-220.

DESCARTES, René. **Tratado del hombre**. Trad. Guillermo Quintás. Madrid, Editora Nacional, 1980.

MARX, Karl. Introdução à crítica da economia política. In: _____. **Contribuições à crítica da economia política**. Trad. Maria Helena Barreiro Alves. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

MAUSS, Marcel. As técnicas corporais. In: _____. **Sociologia e antropologia**. Trad. Mauro W. B. de Almeida. São Paulo: EPU/EDUSP. 1974. p. 209-233.

SARTRE, Jean-Paul. **O ser e o nada**. Trad. Paulo Perdigão. Petrópolis: Editora Vozes, 1997 http://www.eca.usp.br/nucleos/njr/voxsocientiae/george_barbosa_38.htm, acessado em 23 de outubro de 2008.

Agradeço aos Senseis e aos Kenshi da Associação Cultural e Esportiva Piratininga que me proporcionaram as condições de ingressar no Kendo.

Esse artigo foi apresentado no VI Congresso Internacional de Educação Física e Motricidade Humana e XII Simpósio Paulista de Educação Física, realizado pelo Departamento de Educação Física do IB/UNESP Rio Claro, SP de 30/4 a 03/5 de 2009.

Endereço:

Rogério Rodrigues
Rua Xingu, 365/32 bloco Ypê Valparaíso
Santo André SP Brasil
09060-050
e-mail: rogerio@unifei.edu.br

Recebido em: 10 de fevereiro de 2009.

Aceito em: 03 de abril de 2009.



Motriz. Revista de Educação Física. UNESP, Rio Claro, SP, Brasil - eISSN: 1980-6574 - está licenciada sob [Licença Creative Commons](#)